

# Os passos secretos da paz moçambicana

O segredo foi, também aqui, a alma do negócio. Num subterrâneo, ao lado da Assembleia da República, a Renamo tinha as suas antenas...

## Manuel Vilas-Boas

**U**M BAPTIZADO, em Leiria, em 3 de Agosto de 1985, vai permitir o reencontro do antigo director da Rádio Pax, da Beira, Moçambique, padre Manuel Carreira das Neves, missionário franciscano e docente na Universidade Católica, com o director dos serviços de construção das obras de Cahora Bassa, eng.º Fernando Brás de Oliveira. Carreira das Neves, 55 anos, iniciara em Roma, nessa altura, o doutoramento em Teologia da Paz, com contactos com a Cooperação Europeia Franciscana e o Centro Internacional para a Paz entre os Povos, com sede na cidade italiana de Assis.

Brás de Oliveira, 70 anos, com um invejável palmarés na construção de barragens desde 1946, (entre elas, Castelo de Bode, Cabril, Picote Cambambe, para além de Cahora Bassa) permanecia em Moçambique por solicitação de Samora Machel, para apoio na área técnica.

Apesar da orientação política do regime moçambicano não ser do agrado de Brás de Oliveira, será a isenção partidária e uma forte componente humanitária de toda a sua equipa que grangeará a simpatia necessária para uma permanência, desejada pelos poderes públicos.

Um cenário de degradação da sociedade moçambicana é, entretanto, apresentado por Brás de Oliveira a Carreira das Neves naquela festa de baptizado. Procuravam-se saídas, incentivavam-se cooperações, a nível nacional e internacional. A guerrilha ia-se, por seu lado, intensificando.

Com más relações com a Igreja Católica devido às violentas críticas que lhe dirigiu nos primeiros anos da revolução, Samora Machel solicitava a Brás de Oliveira, que se tinha tornado seu conselheiro, que contacte meios religiosos na Europa a fim de enviarem para Moçambique, missionários especializados nas áreas de saúde e do ensino. A única excepção consentida pelo regime marxista do Maputo, para a entrada de novos agentes da missão.

Quase síncrona com a proposta do presidente moçambicano, a então ministra da Educação solicita, por seu turno, através do vice-ministro da Saúde, dr. Fernando Vaz (sobrinho de Brás de Oliveira), o regresso da obra da Rua, para atendimento prioritário aos órfãos provocados pela guerra.

Seria fácil a Brás de Oliveira o contacto com o então responsável da Obra fundada pelo padre Américo. Telmo Ferraz tinha sido capelão de algumas barragens, confruadas pela equipa de Brás de Oliveira. Mas só mais tarde este contacto virá a produzir os seus frutos.

## O segredo de Samora

«Tem graça! Eu até posso dar a uma ajuda.» Foi esta a reacção do padre Manuel Carreira das Neves, ao tomar conhecimento, em Leiria, da parte de Brás de Oliveira, do projecto de Samora Machel. Diligências de imediato feitas, em Roma junto da Cooperação Europeia Franciscana, uma associação de bispos, religiosos e padres da Ordem Franciscana, fundada em 1982, e a que presidia Carreira das Neves, revelam «impraticável o desejo do presidente moçambicano». Em questão estava apenas a segurança destes novos missionários. Para tanto era necessário descortinar outras saídas...  
E não restava senão **fazer a paz**, em Mo-

cambique onde a guerra se movia de modo absurdo. Tornava-se, por isso, imprescindível, contactar as partes envolvidas no conflito — a Frelimo e a Renamo.

Samora tem conhecimento das novas propostas dos religiosos através do dr. Fernando Vaz, vice-ministro da Saúde. Envolvido no maior secretismo, este processo (desconhecido inclusive ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano) é entregue, por Machel, ao seu ministro da Informação Luís Cabaço. As primeiras notas sobre este caso são-lhe entretanto fornecidas por Brás de Oliveira. Cabaço mostra-se receptivo e Samora ordena definitivamente que o processo prossiga... em paz.

## Renamo em subterrâneo

O primeiro contacto com a Renamo ficou a cargo do padre Manuel Carreira das Neves. Era preciso testar a capacidade de resposta para o estabelecimento de uma ponte entre as duas entidades beligerantes.

Jorge Correia, representante da Renamo para a Europa, recebe em 2 de Setembro de 1985 no seu quartel-general em Lisboa, um subterrâneo próximo do Parlamento, o «emissário» da Paz, Carreira das Neves. Também não foi difícil este contacto já que Carreira das Neves conhecia, desde criança, Jorge Correia. Laços de conhecimentos e de relações familiares percorrem intensamente este processo...

Uma eficiente rede de comunicações com o exterior foi provada pela promessa de Jorge Correia libertar, nos próximos dias, alguns dos missionários raptados, então pela Renamo.

## Bispo em troca

Mas o troco destas concessões (os nomes dos missionários libertados foram conhecidos através da imprensa nacional internacional) a Renamo, de Lisboa, exigiria a disponibilidade do bispo do Algarve, D. Ernesto Costa, que tinha sido prelado em Moçambique, para elo de ligação da Renamo com o Vaticano. Atendendo aos fins humanitários desta acção — a libertação dos missionários — D. Ernesto Costa aceitou colaborar com a Renamo naquela área.

Depois do êxito desta «operação de charme» os passos secretos da paz moçambicana dirigiam-se então para Assis. Carreira das Neves e Brás de Oliveira contactam o presidente do Centro Internacional para a Paz e da edilidade local, Jianfrank Costa, bem como um dos seus mais destacados membros, o franciscano Gianmaria Polidoro. Herdeiro dos ideais pacifistas do «Poverello» de Assis, o Centro Internacional para a Paz entre os Povos vai tornar-se o cérebro de todas as operações futuras.

## Igreja oficial não se opõe

Em Fevereiro de 1986, Samora Machel recebe, no Maputo, «com um acolhimento impressionante» o primeiro missionário do Centro de Assis, o padre Polidoro. A expensas da benevolência de uma agência de viagens italiana, o franciscano de Assis necessitou de quase oito dias para tocar solo moçambicano onde o aguardava o eng.º Brás de Oliveira.

Sem qualquer contacto com a Igreja oficial moçambicana, Polidoro instala-se, em silêncio, nos franciscanos da Polana, em Maputo, e apenas fala com Samora, durante uma manhã, na Academia, próximo do bair-



Fernando Brás de Oliveira  
Um técnico nos meandros da diplomacia

ro de Summerchild. Um discreto encontro, em Roma, antes da viagem do padre Polidoro a Maputo, com o bispo da Beira, D. Jaime Gonçalves, que ali se encontrava em representação da Conferência Episcopal de Moçambique no encerramento do ano Mariano, permitiu aos promotores deste processo saber que, devido «às relações difíceis entre a Frelimo e a Igreja» esta não tinha ainda dado começo a qualquer iniciativa do género. «Apreciamos a vossa 'demarche' e caminhem» — disse o bispo da Beira que, curiosamente representa, na actual fase das conversações para a paz, a Igreja de Moçambique.

## Erro diplomático

O primeiro contacto oficial com a Renamo teria lugar, alguns meses antes, em Lisboa, no Natal de 1985, na casa provincial dos franciscanos, no n.º 34 da Rua Silva Carvalho. Presentes, o padre Gianmaria Polidoro, por indicação de Jorge Correia que seria, por sua vez, substituído por Evo Fernandes, delegado da Renamo em Lisboa. O acolhimento da casa foi feito pelo provincial dos franciscanos, de então o padre António Montes.

Evo Fernandes, apesar dos medos que já o perseguiram, tal como o pode comprovar Carreira das Neves que com ele se encontrou na sua sede, em Alcântara, terá feito, neste encontro, uma das suas mais brilhantes intervenções com uma listagem precisa das condições para um processo de paz.

O brilho da intervenção foi especialmente notado pelo representante do Centro Internacional para a Paz que, por erro diplomático, terá enfatizado, perante Luís Cabaço, representante de Machel neste processo, a capacidade de liderança de Evo Fernandes. (Evo Fernandes viria a ser encontrado morto em 21 de Abril de 1988, nas proximidades de Cascais).

## A carta de Cabaço

Talvez tenham aqui origem as razões que levaram o então ministro da Informação de Moçambique, Luís Cabaço, através de uma violenta carta dirigida ao padre Polidoro, em Julho de 1986, a interromper o processo que estava já a ser dirigido na sua totalidade pelo Centro Internacional da Paz. E de tal modo estas negociações prévias pareciam estar amadurecidas que os seus promotores, em memória do Ano Internacional da Paz que então ocorria, tinham já marcado o primeiro encontro em Roma, entre a Frelimo e a Renamo, numa casa «muito discreta», no Verão ou Outono de 1986.

Carreira das Neves virá a tomar conhecimento desta carta, em que é com o padre Polidoro inactivado, num congresso sobre a paz em Samovor, na Croácia, durante o mês de Julho.

## Santo Egidio e o Vaticano

A comunidade de Santo Egidio, em Roma, que desde 1989 centraliza as negociações posteriores de paz, em Moçambique, foi, nesta altura, também informada do processo conduzido pelo Centro Internacional da Paz, já que, um ano antes, em 1985, tinha catalizado a opinião pública italiana para a recolha de roupa e géneros alimentícios para a população de Moçambique. Mas já ali tinham chegado também notícias do processo pelo bispo da Beira, que ali tem o seu domicílio habitual quando se desloca a Roma.

Também ao Vaticano chegaram ecos, ainda que imprecisos, das diligências de paz então efectuadas.

Antes da Páscoa de 1986, o secretário de Estado do Vaticano, Agostinho Casaroli, através do responsável dos assuntos de África, mons. Sebastiano Corfanejo, quer conhecer em pormenor, os trâmites do processo, mas sem êxito, de imediato. Conversações posteriores puseram ao corrente a diplomacia da Santa Sé, nos seus diferentes canais, ainda que de modo discreto.

## A «Síntese» da paz

Com a morte de Samora Machel, em Outubro de 1986, o processo parecia condenado ao fracasso. «Tinha sido ele», no testemunho dos promotores da iniciativa, «a pessoa mais empenhada no processo». O seu trágico desaparecimento obrigou, pelo menos, a um doloroso compasso de espera.

Entretanto, após a eleição para a presidência de Joaquim Chissano, novas tentativas de pacificação surgem, ainda que sem êxito, em que intervêm o cardeal Alexandre dos Santos, de Maputo, e o presidente do Quênia.

Do anterior projecto fica a curiosidade de Chissano conhecê-lo em pormenor.

Brás de Oliveira volta assim à Ponta Ver-

melha. Chissano, informado, pede que o projecto fique em «stand by», já que se sentiam «presenças perniciosas a meterem-se no assunto».

Polidoro vai voltar, também, de novo a Moçambique. Chissano quer conhecê-lo pessoalmente e do encontro, em Março de 87, fica «um profundo e esperançoso diálogo». Chissano irá conhecer, mais tarde, uma síntese da metodologia da paz, elaborada pelo Centro Internacional da Paz, que tem servido nos diferentes encontros de paz, protagonizados por Reagan e Gorbachev.

### Três milhões de deslocados

Robert White, um engenheiro moçambicano, denuncia, entretanto, em Portugal, junto da equipa de Brás de Oliveira, a existência de mais de três milhões de deslocados

da guerra como urgência prioritária, sobre qualquer projecto para aquele território.

Mais do que perseguir, exclusivamente, o processo de paz, Brás de Oliveira vai lançar uma campanha mais vasta a que chamou «Projectos Integrados». Com estas iniciativas pretende-se desenvolver uma «acção sócio-religiosa e técnico-económica» que consinta a recuperação dos deslocados, tornando-os «auto-suficientes em termos alimentares» e reintegrando-os novamente numa «sociedade em paz e num clima de reconciliação».

Estes projectos tiveram já o «agreement» do governo moçambicano, bem como da Igreja Católica que, pela primeira vez, se tornou disponível para articular as duas vertentes da iniciativa.

Constituem o conselho coordenador geral, que tem sede em Lisboa e a quem compete promover todas as acções necessárias no campo de assessoria técnica e promoção para a paz em Portugal e Moçambique, o eng.º Brás de Oliveira, que preside, o general, na reserva, Ruy Brás de Oliveira (seu irmão) e o eng.º Miguel Machado de Simas.

Para a área da promoção da paz foram designados em Lisboa, os padres Carreira das Neves, António Reis (jesuíta) e Polidoro. Em Moçambique, a Igreja Católica não nomeou



Padre Manuel Carreira das Neves  
O herdeiro do espírito de Assis

Foto Fernando Nogueira

ainda o coordenador local «por existirem outras prioridades». O conselho coordenador local é presidido, no Maputo, pelo eng.º Arnaldo Lopes Pereira, para as acções técnico-económicas. Integram a área de apoio técnico os engenheiros Borges Leitão, Teixeira Duarte, Crespim de Sousa e o dr. Alfaro Cardoso.

Dificuldades de toda a ordem, sobretudo pela contínua degradação da situação social, provocada pela seca, pela fome, e pela insegurança generalizada, devido à guerra, impediram, para já, a concretização dos projectos destinados à zona do Chóckwé (antigo Limpopo) e Chitima. Apenas o projecto do Umbelúzi, no Maputo, se concretizou, em parte.

### Sem portas nem janelas

É a Obra da Rua, que dá, efectivamente, o pontapé de saída aos «projectos integrados», em 26 de Agosto, passado.

Ultrapassando razões de segurança, abençoada pela Igreja e querida pelo governo, a obra do padre Américo, regressa, 16 anos depois, ao convívio dos moçambicanos. De 600 hectares iniciais, doados pelo governo, dispõem já de 1500 hectares. Mas ainda restará algum tempo para que tudo entre na normalidade. Praticamente destruído, o parque agro-pecuário existente, e outras instalações a levantar,

como a «casa-mãe» e quatro dormitórios para rapazes, perfazem um orçamento de quase dez mil contos.

Uma quantia que poderá ser coberta pela generosidade dos portugueses tal como já o fez, em parte, a paróquia de Arroios em Lisboa.

### Renamo promete tréguas

A integridade das instalações poderá ser por seu lado assegurada pela própria Renamo, cujo líder, Afonso Dlakham, prometeu, recen-

temente em Lisboa, ao padre Telmo Ferraz, director da casa, não desencadear acções militares na zona.

Temendo que os «projectos integrados» possam ser utilizados pelo governo da Frelimo como trunfo político, Dlakham disse que os não iria hostilizar. O chefe da Renamo prometeu ainda, em encontro, no Santuário de Fátima, como o eng.º Brás de Oliveira e o padre Manuel Carreira das Neves, protecção especial para os «projectos integrados» do Chóckwé e Chitima.

Tornados agora públicos, estes «projectos integrados» receberam para além da simpatia do governo moçambicano, o apoio do Executivo português, que já concedeu um subsídio de 120 mil dólares para o projecto do Chóckwé, orçamentado, numa primeira fase, em 200 mil dólares.

Outras entreadjudas se esperam de organizações internacionais e nacionais, designadamente por parte da Caritas e das dioceses, estimuladas agora pela Conferência Episcopal Portuguesa.

Também se aguarda uma reacção positiva das congregações religiosas, só agora informadas destes «projectos integrados».

No horizonte permanece sempre o «espírito de Assis» que deu corpo ao Centro Internacional para a Paz entre os Povos.